

Fórum de Coordenadores da Abrasco

***Ensino na Pós-Graduação em
Saúde Coletiva***

Tatiana Vargas – ENSP/Fiocruz

▶ 24 de maio de 2018



Para iniciar a conversa ...

- ▶ O convite para retornar ao Fórum
- ▶ A importância desse espaço de reflexão e troca para a área
- ▶ A relevância de uma mesa para discutir Ensino no contexto que estamos
- ▶ A solicitação: ‘Seja otimista’, ‘Aponte caminhos’

Inspiração em Heidegger: “A serenidade em relação às coisas e a abertura dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento”
(1955: 25)

Como dar espaço para a reflexão que extrapole o pensamento calculista e que consiga mediar e garantir espaço para o meditar?
Como olhar e suportar o presente?



Provocar o diálogo e algumas reflexões

▶ A partir de três perspectivas:

- retomar o significado e a aposta da saúde coletiva como ‘campo de conhecimento’;
- reconhecer como o campo da saúde coletiva se articula com o projeto da reforma sanitária e constitui um modelo de política de saúde (SUS);
- localizar como as políticas de Saúde e de C&T e Educação (Capes) se aproximam ou distanciam na construção de uma ideia de saúde coletiva, deixando um espaço de atuação para outros projetos concorrentes e que ganham expressão na crise.



Saúde Coletiva: o enunciado e as apostas

- ▶ Saúde Coletiva – um novo ‘campo’ em formação nos anos 1970
 - ▶ De 1969 a 1973 - ‘Encontros dos Departamentos de Medicina do Estado de São Paulo’ - discussão de docentes das faculdades de medicina da região provocaram análises que saíam do recorte específico das ciências da saúde.
 - ▶ Donnangelo e Arouca protagonistas de um debate – crítica à prática médica, ao modelo de formação, à lógica de subordinação ao K (marxismo e filosofia da ciência).
- ▶ Pensamento Social em Saúde – extrapola cenário nacional
- ▶ Do movimento acadêmico ganha contornos de movimento político e social
- ▶ Novos projetos de formação na pós-graduação e a criação da ABRASCO em 1979 – Encontros prévios (**a importância do ensino lato**)



Saúde Coletiva

- ▶ Um novo campo de saber e de práticas em saúde pautado pelos princípios e críticas que se apresentavam à Medicina Preventiva e à prática médica tradicionais, incluindo a prática da saúde pública.
 - ▶ Birman (1991) sintetiza essa aposta quando resume que o projeto da saúde coletiva definia-se como um projeto político de sociedade e de Estado onde buscava-se teorizar e propor soluções políticas pautadas nas orientações deste 'novo' conhecimento, de um campo multidisciplinar sem qualquer perspectiva hierárquica e valorativa; e como campo amplo de práticas, multiparadigmático e interdisciplinar.
-



Da construção teórica ao movimento político

- ▶ A aproximação de dois mundos: o acadêmico e o político
- ▶ Mediação e politização do debate da saúde - Cebes
- ▶ Experiências concretas
- ▶ Da crítica ao modelo da Medicina Preventiva à perspectiva de um modelo pautado nas determinações sociais e no direito à saúde
- ▶ O espaço do diálogo e mediação para se avançar na construção do direito à saúde como política pública



Quando o movimento vira instituição

- ▶ A conquista legal em 1988
- ▶ As contradições na consolidação do projeto político - Dilemas entre a aposta política e a aposta epistêmica e a consolidação de novas práticas em saúde
 - ▶ Os processos de medicalização da vida
 - ▶ O empresariamento da saúde
 - ▶ A perspectiva normalizadora da saúde

A saúde coletiva institucionalizada na política de saúde vive as contradições entre o pensar e o agir da saúde. O espaço da gestão é o espaço da resposta. E onde fica o espaço da formação?



As contradições se expressam

- ▶ No caminho trilhado pela Seguridade Social
- ▶ Na lógica de financiamento da saúde
- ▶ Nas relações público-privado
- ▶ Na forma como trabalhadores são incorporados ao sistema – o lugar (ou não lugar) que ocupa a formação em saúde e a gestão do trabalho
- ▶ Na perspectiva de participação social que se organizou
- ▶ No insulamento da saúde para manter a política desenhada, sem possibilitar um aprofundamento das práticas



Conhecimento para quem?

- ▶ O projeto de Pós-Graduação no Brasil

- ▶ Moldado na lógica desenvolvimentista – 1951 criação da CAPES, com o objetivo de:

"assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país". (Portal Capes, 2016)

- ▶ Nos anos 1960 grande impulso e projeto de modernização sob forte influência norte-americana - Parecer Sucupira (1965):

“o modelo de pós-graduação a ser implantado era adequado à nova concepção de universidade, oriundo dos países desenvolvidos” (Santos, 2003: 629)



A Pós-Graduação no Brasil

- ▶ Em 1977 o Sistema de Avaliação da Pós-Graduação é implantado e apresenta como fundamentos:
 - ▶ Estímulo à produção científica e difusão do conhecimento.
 - ▶ Estabelecida a avaliação por conceitos (A até E).
- ▶ Década de 1980 – primeiras críticas à dependência científico-cultural do modelo da PG brasileira.

“As normas das revistas internacionais foram estabelecidas nos países desenvolvidos e traduzem as necessidades desses países, e somente destes. Os trabalhos realizados no Brasil seguindo estas normas estarão mais ligados às sociedades desenvolvidas do que a sua própria comunidade” (Hamburger, 1980 apud Santos, 2003).



A Pós-Graduação no Brasil

- ▶ Na década de 90 o Sistema de Avaliação sofre reformulações.
 - ▶ Em 1990 os conceitos foram substituídos por **notas** de 1 a 5 e foram incluídos alguns **indicadores quantitativos**, entre eles quantidade de artigos publicados pelos Programas.
 - ▶ Em 1998 é feita uma **padronização da ficha de avaliação** com 7 quesitos (proposta do programa, corpo docente, as atividades de pesquisa, as atividades de formação, corpo discente, as TD e a produção intelectual).
 - ▶ Preocupação com a qualificação da produção dos programas, de se **avaliar os efeitos/impactos da produção científica**.
 - ▶ Adoção da classificação dos veículos de divulgação da produção científica tendo como pressupostos:

“ a **aceitação de que um artigo por periódico indexado** e com sistema de *peer review* garantia, de certo modo, a sua qualidade”

“**periódicos com circulação internacional** e maior impacto na comunidade acadêmica teriam processos de seleção mais competitivos e, portanto, os artigos por eles teriam qualidade e relevância” (Barata, 2016)



A Pós-Graduação no Brasil

- ▶ Modelo de avaliação assume como base para análise da produção científica critérios construídos pela Bibliometria, pela facilidade na organização e localização da produção:
 - ▶ Os artigos passaram a ser indexados em sistemas bibliográficos;
 - ▶ Depois passou-se a medir também as citações dos artigos (fator de impacto, índice-h).
- ▶ Chega-se ao modelo '**Qualis periódicos**' – ferramenta utilizada para a avaliação dos Programas auxiliando os comitês de avaliação no processo de análise e qualificação da produção bibliográfica dos docentes e discentes dos programas.
- ▶ Modelo de avaliação compreende também:
 - ▶ Proposta do Programa – não pontua
 - ▶ Corpo Docente – entre 15 e 20%
 - ▶ Corpo Discente – entre 30 e 35%
 - ▶ Produção Intelectual – entre 35 e 40%
 - ▶ Inserção Social – entre 10 e 15%

Mas é no quesito produção intelectual que o debate se acirra!



Bases da Avaliação

▶ PARÂMETROS

- ▶ Adoção de **padrões internacionais** de desenvolvimento do conhecimento na área como referência para o processo de avaliação;
- ▶ **Adequação dos critérios utilizados na avaliação** ao desenvolvimento do conhecimento da área e dos programas.

▶ CONDIÇÕES (“CLÁUSULAS PÉTREAS”):

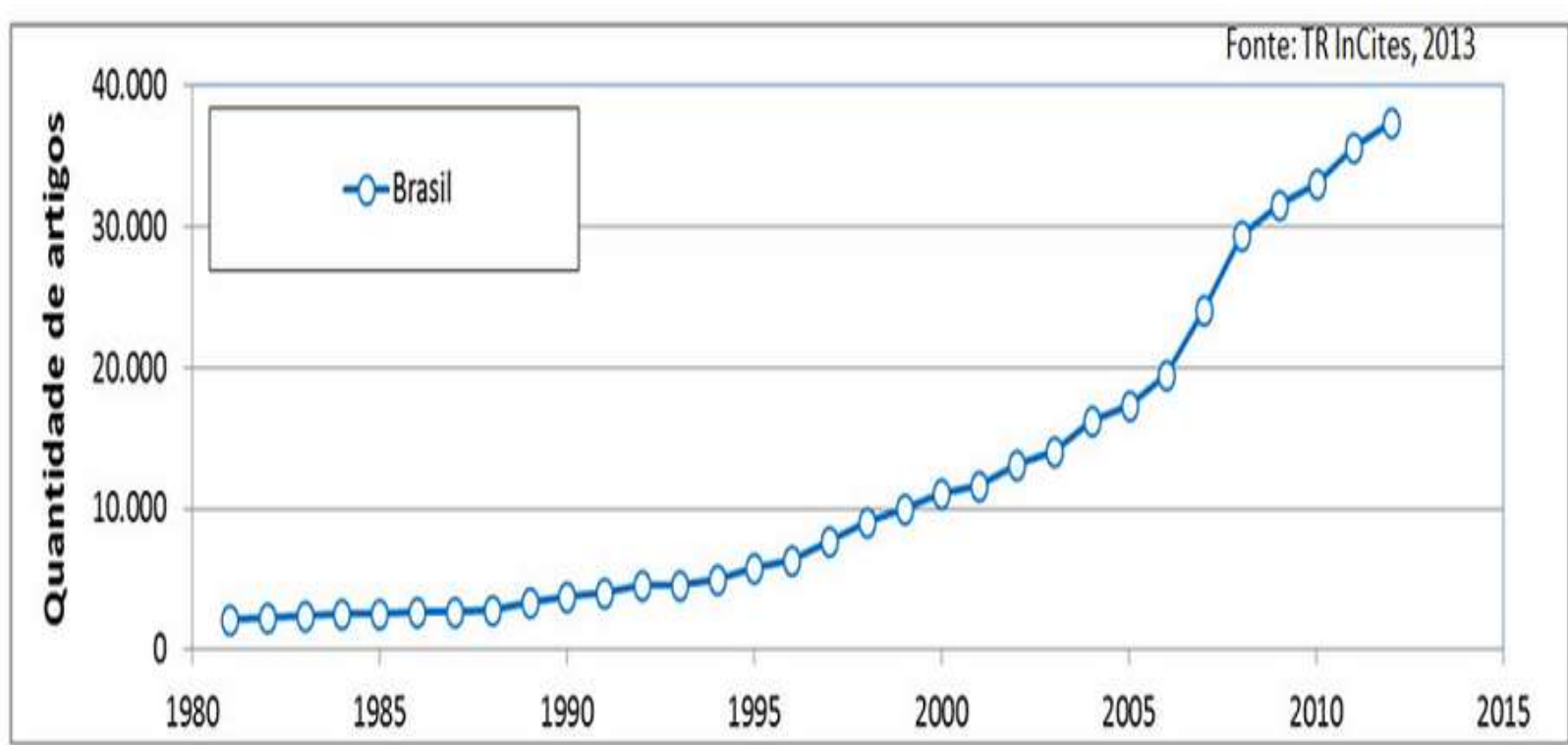
○ processo não se restringe a uma avaliação “intraárea”;

Os resultados da avaliação devem retratar as diferenças no nível de desenvolvimento das áreas [...];

Não deve se verificar a perda progressiva da capacidade discriminatória da escala adotada;

Efeitos do modelo

Trajetória de crescimento da produção científica



Efeitos do modelo na avaliação dos periódicos Área de Saúde Coletiva - 2013 e 2014

Qualis Saúde Coletiva 2013-2014 Distribuição de Periódicos por Estrato

2013			2014		
Estrato	N	%	Estrato	N	%
A1	127	11,87	A1	111	10,66
A2	139	12,99	A2	136	13,06
B1	198	18,50	B1	202	19,40
B2	166	15,51	B2	177	17,00
B3	171	15,98	B3	162	15,56
B4	204	19,07	B4	190	18,25
B5	65	6,07	B5	63	6,05
Total	1070	100,00	Total	1041	100,00

Nenhum
periódico
nacional

Apenas 2
nacionais

Dentre os periódicos classificados nos estratos A1 e A2, 84% são comuns com as Áreas de Medicina I, II ou III e, dentre os 16% restantes, a grande maioria pode ser enquadrada como periódicos médicos.

Efeitos do modelo na avaliação dos periódicos

Área de Saúde Coletiva - 2013 e 2014

Periódicos	Áreas de Avaliação - CAPES						
	Saúde Coletiva	Sociologia	Antropologia e Arqueologia	História	Ciência Política e Relações Internacionais	Ciências Ambientais	Interdisciplinar
Cadernos de Saúde Pública	A2		A2			A2	A2
Revista de Saúde Pública	A2		B1				A2
Ciência e Saúde Coletiva	B1	A2	B3			A2	A2
Physis	B1	B1	B3	B2			B2
Revista Brasileira de Epidemiologia	B1	B2				B2	
Trabalho, Educação e Saúde	B1						
Saúde e Sociedade	B2	B1			A2	A2	B2
História, Ciências, Saúde	B3	A1		A1	A2		A1
Saúde e Debate	B3	B3	B3	B3		B3	B1
Ambiente e Sociedade	B3					A2	B1
Engenharia Sanitária e Ambiental	B3					A2	A2
Estudos Avançados						A2	

Efeitos e contradições do modelo

Publicar a todo custo!

Autoria concedida, salamização, plágio, autoplágio

Publicar onde vale mais (fator de impacto) e não onde é mais relevante fazer o debate!

Publicar no exterior em detrimento de analisar a realidade nacional e local!

Induz a reprodução e não a inovação! Publicar antes de formar!

Formata a ciência ao valorizar um modo de produzir conhecimento.
Não reconhece a diversidade!

Dificulta o acesso ao conhecimento e a publicização dos estudos!

Estimula a competição e não a produção colaborativa!

Reproduz a desigualdade e mantém o status quo

Métodos bibliométricos têm sido usados indiscriminadamente para avaliar a produção individual de docentes/pesquisadores

Efeitos e contradições do modelo

O Qualis não é ...

- 1 - Não é uma base de indexação de periódicos.
- 2 - Não deve ser considerada uma fonte de classificação da qualidade dos periódicos para fins que não a de avaliação dos programas.
- 3 - Não é aconselhável que a lista sirva de referência para ações futuras, como a escolha do periódico que irá submeter o artigo.
- 4 - Não é uma ferramenta que possa ser utilizada em avaliações do desempenho científico individual de pesquisadores.

Mas produz de efeito e indução

- 1 - Ao considerar apenas os artigos publicados por professores permanentes credenciados institui um círculo vicioso – o docente que publica numa revista específica, trabalha em áreas de ponta, sem parceria, não sendo credenciado, não consegue romper a barreira.
- 2 – O pesquisador/docente busca a revista de maior impacto para publicar, pois não quer correr o risco de não se manter credenciado.
- 3 – Os Programas ao serem avaliados por este critério reproduzem internamente essa análise para credenciar seus docentes, pois de outro modo no processo de competição e ranking será prejudicado.

Assim, ainda que incorreto, inadequado e questionável, o Qualis ...

Tem sido usado para avaliar a produção científica individual, para fins de promoção e para obtenção de incentivos financeiros!

Tem sido usado pelos editores científicos para obter fomentos e pelas agências para aprová-los!

Tem sido usado para aferir a qualidade do periódico fora do âmbito da avaliação!

‘Efeito Mateus’?

▶ **Ou princípio da “vantagem cumulativa” (Merton, 1968)**

Mateus 25,29: "porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem será tirado."

Por mais que se pretenda que os sistemas de avaliação funcionem ex-post, acabam funcionando como sistemas de incentivos, funcionam como "indução".

Assim:

- ▶ os periódicos mais bem avaliados em um dado ciclo serão mais procurados pelos pesquisadores para publicar seus artigos e continuarão a ser mais bem avaliados no ciclo seguinte e assim por diante;
 - ▶ artigos muito citados tendem a ser mais consultados e, assim, obter mais citações etc;
 - ▶ o mesmo ocorre com pesquisadores ou cientistas individuais, que tornam-se referências em determinados campos.
-



O 'efeito Mateus' na área de saúde coletiva

Estudo de Iriart et al 2016 mostra que:

- ▶ 49% do total de docentes permanentes dos 40 programas acadêmicos credenciados em 2013 foram classificados como pesquisadores da "subárea" da epidemiologia.
 - ▶ Dos 748 docentes: 365 (48,9%) foram classificados em Epidemiologia, 146 (19,5%) em Políticas, Planejamento e Gestão, 126 (16,8%) em Ciências Sociais e Humanas e 111 (14,8%) na categoria "Outras".
- ▶ É o "efeito Mateus" em ação, com consequências específicas para o suposto da "interdisciplinaridade" tão propagado no "campo" da SC.
- ▶ Há uma evidente "seletividade" que se deve ao modelo de avaliação, que mede com a mesma régua formas de produção e circulação de conhecimento muito distintas.



Pressupostos implícitos que merecem discussão

- ▶ Os mecanismos de avaliação adotados pelas revistas são livres de interesse – o que dizer da atuação de editoras como Thompson-Reuters, Elsevier? São editoras científicas e também proprietárias e fornecedoras de bases de indexação (Web of Science e Scopus) e de sistemas de avaliação e ranqueamento (Fator de Impacto e Índice-h), adotar seus critérios para qualificação das revistas não deveria ser questionado?
- ▶ As revistas internacionais atendem padrões de qualificação que em princípio são melhores e, por isso, são de reconhecido prestígio acadêmico.
- ▶ A publicação internacional é o melhor para o desenvolvimento de nossa ciência.
- ▶ O conhecimento se mede pela produção científica, em especial artigos indexados – livros, materiais didáticos, produção técnica não se incluem.
- ▶ O ranqueamento é uma lógica boa para estimular o desenvolvimento científico do país.



Reações ao modelo de avaliação e ao modo de produzir ciência em vigor

Movimentos **internacionais** e **nacionais** têm apontado para necessidade de revisitar os critérios de avaliação adotados pelos países para análise da produção científica:

- **2010 – Slow Science** – “We do need time to think. We do need time to digest. We do need time to misunderstand each other, especially when fostering lost dialogue between humanities and natural sciences. We cannot continuously tell you what our science means; what it will be good for; because we simply don’t know yet. **Science needs time**” (<http://slow-science.org>).
 - **2012 - Declaração de São Francisco sobre Avaliação de Pesquisa (DORA)** – questiona o fato das editoras científicas comerciais cobrarem caro tanto para publicar um artigo aceito após a revisão por pares quanto pelo acesso ao conteúdo dos periódicos e recomenda: **não utilizar métricas relacionadas com periódicos (Fator de Impacto, por exemplo) como medida para avaliar a qualidade dos artigos científicos isoladamente ou para avaliar a contribuição de cientistas individuais.**
-



Reações ao modelo de avaliação e ao modo de produzir ciência em vigor

- ▶ **2011/2012 - Manifesto de Leiden** - sobre as métricas de avaliação científica: **“considerar as diferenças entre áreas nas práticas de publicação e citação”**:

“A melhor prática de avaliação é selecionar um conjunto de possíveis indicadores e permitir que as distintas áreas escolham aqueles que lhes são mais adequados. [...] Historiadores e cientistas sociais precisam que os livros e a literatura publicada no idioma nacional sejam incluídos na contagem de publicações; já os cientistas da computação esperam que seus trabalhos apresentados em eventos e conferências sejam levados em conta. Os valores de citações variam por área: as revistas melhor avaliadas em Matemática têm Fator de Impacto por volta de 3; já as revistas melhor avaliadas em Biologia Celular têm Fator de Impacto em torno de 30. Portanto, é necessário o uso de indicadores normalizados, e o método de normalização mais confiável é baseado em percentuais: cada artigo é ponderado segundo o percentual a que pertence na distribuição de citações em sua área (os melhores 1%, 10% ou 20%, por exemplo).” (Waltman et al, 2012).



Reações ao modelo de avaliação e ao modo de produzir ciência em vigor - Brasil

- CARVALHO, Marília Sá; TRAVASSOS, Cláudia; COELI, Cláudia Medina. Mais do mesmo? Cad. Saúde Pública [online]. 2013, vol.29, n.11, pp. 2141-2141.
 - CAMARGO JR, KR. Produção científica: avaliação da qualidade ou ficção contábil? Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, vol. 29, nº 9, pp. 1707-1711, set. 2013.
 - MINAYO, MCS. Produção de Conhecimentos na Interface entre as Ciências Sociais e Humanas e a Saúde Coletiva. Saúde e Sociedade. São Paulo, vol. 22, nº 1, pp. 21-31, 2013,
 - RADIS. Ciência Salame. Rio de Janeiro, ENSP/Fiocruz, Revista Radis, n. 140, maio 2014.
 - CHAUÍ, Marilena. Contra a Universidade Operacional. Aula inaugural realizada na Escola Nacional de Saúde Pública em 18 de março de 2015. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/37370>
 - IRIART, JAB et al. A avaliação da produção científica nas subáreas da Saúde Coletiva: limites do atual modelo e contribuições para o debate. Cadernos de Saúde Pública, vol. 31, nº 10 pp. 2137-2147, 2015.
 - Revista da Abrasco – Ensaio e Diálogos em Saúde Coletiva. Abrasco, v.1, 2016. Artigos de Vargas, T.A formação em saúde coletiva e os desafios da avaliação; Barreto, M. Avaliação da pós-graduação: importante, porém necessitando urgentes redirecionamentos; Campos, G. Sistema de avaliação em lugar de uma política em formação para a pós-graduação; Werneck, G. Mudando os rumos da avaliação. Entrevistado por Bruno Dias.
 - Documentos no Fórum da Abrasco - Carta IMS – 2015, Contribuições ENSP 2015 e 2016.
-



Mas, afinal, por que avaliar é importante?

- ▶ Para estimular o Desenvolvimento Científico?
- ▶ Para distribuir e alocar recursos?
- ▶ Para planejar novas ações e pesquisas?
- ▶ Para conhecer os efeitos e impactos do que se estuda?
- ▶ Para dar retorno para o pesquisador?
- ▶ Para dar retorno para a sociedade?

Por que pesquisamos? Por que buscamos conhecimento?

“Devemos ter claro que a missão da pesquisa e dos pesquisadores deve ser o de contribuir para modificar o meio (seja social, econômico, cultural, ambiental) na qual vivemos e que a avaliação científica deve constituir-se em instrumento que nos ajude a entender como o trabalho científico está contribuindo com esta missão” (Barreto M, 2016).

“Afinal, para que saber e por que saber? – senão para construirmos, junto com os outros, uma vida mais bela e mais feliz!” (Costa JF, 1994)



Voltando ao Ensino e Formação em Saúde

- ▶ Como esperar que o campo da saúde coletiva possa produzir uma trajetória de produção de conhecimento que valorize o saber local e a ruptura com o pensamento conservador na produção de saúde?
- ▶ Se o que é mais valorizado pela política de C&T é a publicação internacional, e no caso da saúde coletiva são as revistas médicas, como produzir um conhecimento que valorize a horizontalidade dos saberes no olhar sobre o fenômeno saúde-doença?



Quais os desafios, mas também pautas?

- ▶ Repolitizar o campo – assumir o compromisso com a análise da desigualdade, entendendo que enquanto esta persistir será impossível produzir uma vida saudável;
- ▶ Analisar em profundidade as práticas em saúde – olhar para o que chamamos hoje de determinações, de promoção da saúde, de cuidado em saúde, de autonomia. O que instituímos, por quê e a serviço de quem;
- ▶ Analisar as relações Estado-Sociedade-Mercado-Saúde – produzir análises sobre o funcionamento da engrenagem política e social de sustentação do Estado brasileiro, conhecer nossa história e analisá-la à luz das transformações do capitalismo contemporâneo.



Esse esforço exige

- ▶ Integração e diálogo entre saberes - em oposição à fragmentação e especialização;
- ▶ Olhar para a vida como ela é e aproximar-se das pessoas, dos territórios e dos problemas que persistem - em oposição à internacionalização;
- ▶ Vínculo e compromisso com a atuação profissional, com valorização do trabalho e do trabalhador, com respeito as trajetórias e saberes produzidos - em oposição à precarização do trabalho;
- ▶ Investimento social, na saúde e em todas as políticas sociais, a começar pela educação com formação de qualidade desde a educação infantil - em oposição ao desfinanciamento;
- ▶ Regulação, com mecanismos de proteção dos interesses nacionais - em oposição ao benefício do privado como particular;



Aprofundar o projeto

- ▶ É preciso sustentar a saúde coletiva como novo campo de conhecimento aprofundando seu projeto epistêmico - reaproximar os saberes e rerepresentar o desafio da produção de um conhecimento que seja capaz de responder aos dilemas que se apresentam na sociedade.
- ▶ É preciso saber o que se produz, como se produz e para responder a quê.
- ▶ Dar sentido ao processo avaliativo como projeto político e social e assumir efetivamente que o processo de produção de conhecimento precisa estar implicado com a realidade, comprometido com um projeto de vida e de sociedade.
- ▶ Uma ciência implicada e inserida na realidade social, crítica à posição externa e neutra da produção de conhecimento.



Obrigada!

